

em sentido dorsal em direção ao maxilar, ao mesmo tempo em que era tracionada caudalmente. A manobra foi repetida até a redução da luxação. Após a manobra, uma nova imagem radiográfica foi realizada, confirmando a redução da luxação, e a estabilização da articulação foi realizada com uma focinheira confeccionada com fita adesiva [Silver Tape: 3M do Brasil]. Esta focinheira foi retirada após 36 horas. O rebanho brasileiro de javalis vem aumentando significativamente, e o sistema de criação preconizado é o semi-confinamento. Neste sistema, os javalis não perdem as suas características raciais e selvagens. Com isto, os animais criados permanecerão com seu biótipo, hábitos e costumes originais. Apesar destas vantagens, este sistema predispõe os animais a acidentes e traumas, principalmente físicos. O tratamento conservativo destas lesões é preferível em animais selvagens, pois não requer um manejo intensivo após o procedimento, o que seria inviável nestes casos. A técnica descrita por Lewis (1981) para o tratamento de luxações da ATM é utilizada até os dias atuais em medicina humana e também se conhece uma técnica semelhante para cães e gatos. Neste caso, a escolha pela redução conservativa da luxação foi baseada nas características comportamentais do animal, pela imagem radiográfica da lesão e também pelo grau satisfatório de relaxamento muscular obtido por meio da anestesia empregada. O caso descrito mostra que a redução conservativa da luxação da articulação ATM em javalis pode ser realizada, e que a técnica descrita por Lewis para humanos pode ser adaptada com sucesso nessa espécie animal.

## Estudo retrospectivo de fraturas do segundo e quarto metacarpianos e metatarsianos em 24 cavalos

França, R.O.<sup>1</sup>;  
Sá, P.A.<sup>2</sup>;  
Moreira, M.<sup>2</sup>

1- Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – Universidade de Brasília – DF  
2- Hospital Veterinário do 1º Regimento de Cavalaria de Guardas – Brasília – DF

As fraturas dos pequenos ossos metacárpicos ou metatársicos podem ocorrer em qualquer ponto ao longo do seu comprimento. Estas fraturas têm sido classificadas em fraturas do terço proximal, do terço médio e do terço distal, aberta ou fechada, simples ou complicada. A desmíte do ligamento suspensório pode ser resultante de uma fratura dos pequenos ossos metacárpicos ou metatársicos, ou o ligamento suspensório inflamado pode provocar estas fraturas. Há uma maior incidência de desmíte do ligamento suspensório no membro torácico em associação a estas fraturas. Este estudo tem como objetivo registrar a ocorrência de fraturas dos pequenos ossos metacarpianos e metatarsianos em cavalos durante os anos de 2001 a 2003 no mesmo centro hípico. Para isso foram avaliados o tipo de fratura, osso envolvido e membro acometido. Os animais estavam sob condições de treinamento diferentes quanto à intensidade de trabalho e tipo de solo na qual era exercido o treinamento. Foram avaliados vinte e quatro animais sem raça definida, sendo treze machos e onze fêmeas, com idade de três a dezenove anos, com uma média de dez anos. Dos vinte e quatro cavalos examinados obteve-se um total de trinta e duas fraturas. Os membros torácicos foram envolvidos em vinte e nove fraturas, sendo treze fraturas no membro torácico esquerdo, dezesseis no membro torácico direito, duas no membro pélvico direito e uma no membro pélvico esquerdo. No membro torácico esquerdo ocorreram cinco fraturas no segundo metacarpiano e oito fraturas no quarto metacarpiano. No membro contra-lateral, dez fraturas envolveram o segundo metacarpiano e seis, o quarto metacarpiano. No membro pélvico direito ocorreu uma fratura no segundo metatarsiano e uma no quarto metatarsiano. No membro pélvico esquerdo ocorreu uma fratura no quarto metatarsiano. Radiografias foram realizadas em todos os membros suspeitos de todos os animais que apresentaram graus variados de claudicação, a fim de se confirmar a fratura. Dezoito dos vinte e quatro animais com fratura foram submetidos ao tratamento cirúrgico, sob anestesia geral inalatória para realização da ostectomia parcial

do fragmento fraturado e da exostose quando existente. Seis dos vinte e quatro animais foram submetidos ao tratamento conservador. Notamos neste estudo que a radiologia é fundamental para complementar o diagnóstico de fratura do segundo e quarto metacarpianos e metatarsianos. A terapia cirúrgica permite facilmente a ostectomia do fragmento fraturado e a curetagem do osso, bem como a separação da aderência entre o perióstio e o ligamento suspensório. Todos os vinte e quatro animais voltaram a exercer suas atividades. Um animal voltou a apresentar claudicação seis meses após tratamento cirúrgico e após ter voltado a sua atividade atlética, devido a desmíte do ligamento suspensório. Nos seis animais que não foram submetidos ao tratamento cirúrgico, foi observada uma reação periosteal no ponto da fratura e não houve comprometimento do ligamento suspensório. Nas três fraturas ocorridas nos membros pélvicos, os animais não apresentaram claudicação e a causa foi trauma direto. As fraturas localizadas nos membros torácicos devido ao estresse de trabalho, todas estavam associadas com desmíte do ligamento suspensório como causa de claudicação. A ostectomia parcial foi considerada o tratamento indicado nos cavalos que apresentaram desmíte do ligamento suspensório associada a fratura. Nos animais em que as fraturas estavam localizadas nos membros pélvicos, estes não apresentaram claudicação, portanto foi instituído o tratamento conservador. Como os cavalos desta pesquisa exerciam diferentes tipos de trabalho, não se pode relacionar a incidência de fratura com o membro acometido e com a atividade exercida. Percebeu-se que a incidência de fraturas distais dos metacarpianos e metatarsianos é um achado comum na clínica equina e geralmente está associada com desmíte do ligamento suspensório.

## Uso de Laser GaAs e de Campo Magnético Pulsátil para o tratamento de lesão tendínea em equino

Mikail, S.<sup>1</sup>;  
Campos, F.M.<sup>2</sup>

1- Equine Sports Therapy – São Paulo – SP  
2- Equine Center – São Paulo – SP

O Laser Terapêutico é recomendado para acelerar o processo de cicatrização em lesões no aparelho locomotor. Estudos demonstram que lesões irradiadas podem apresentar um aumento na proliferação dos fibroblastos, assim como um aumento no tamanho das mitocôndrias e do retículo endoplasmático rugoso, o que sugere um aumento de metabolismo e de síntese de proteínas no local. O Campo Magnético Pulsátil (CMP) é um aparelho que cria um campo eletromagnético ao redor de uma área. Apesar de seu mecanismo de ação não estar claro, existem muitos estudos demonstrando os efeitos na região sob sua influência, como por exemplo o aumento da circulação e o aumento na concentração de oxigênio na região. O animal descrito é um equino utilizado para corrida, da raça Puro Sangue Inglês, com quatro anos de idade. O protocolo de fisioterapia utilizado foi: 45 minutos de Laser Terapêutico de Gallium Arsenide (GaAS) pela manhã (7h00) e 1 hora de CMP à tarde (15h30). Entre o primeiro e o último ultra-som diagnóstico (27 dias) foram realizados 24 dias deste protocolo de fisioterapia. Durante o tratamento de fisioterapia não houve administração de medicação sistêmica. O animal ficou sobre exercício controlado: caminhando ao passo 2 vezes ao dia por 15 minutos, sobre piso de areia. Nota-se uma grande evolução no processo cicatricial na seqüência de exames. O tempo de aplicação (45 minutos) de Laser utilizado neste protocolo é muito superior ao tempo usualmente recomendado pelos fabricantes (10 minutos), o que pode ter contribuído para o resultado alcançado. A inclusão de um intervalo entre o uso do Laser e do CMP, deve ter contribuído para manter o metabolismo da região aumentado por um tempo maior, uma vez que os efeitos dessas modalidades dimi-